
RESENHA

ECO-HISTÓRIA E SOCIEDADE: NATUREZA E RUÍNA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Antonio Teixeira de Barros¹

LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios*: natureza e ruína na amazônia brasileira. Brasília: EdUnB/Paralelo15, 1999.

O livro de Victor Leonardi, *Os historiadores e os rios*: natureza e ruína na amazônia brasileira (Editora da UnB/Paralelo 15), possui três méritos substanciais que o elevam à condição de uma obra de referência para a área de Ecologia e Ciências Sociais. O primeiro deles é a combinação entre duas perspectivas que geralmente são abordadas de forma isoladas, quando se trata de estudos sobre meio ambiente: a história ambiental ou eco-história e a história social. O segundo está no entrecruzamento entre o local e o global, enquanto o terceiro se justifica pela riqueza e profundidade analítica do estudo.

Trata-se de uma obra marcada pela transversalidade, para usar um termo do momento que, nas Ciências Sociais, tem sido muito explorado sob a denominação de transversalidades contemporâneas. Essa característica está presente até mesmo no uso das fontes de pesquisa. O autor combina fontes documentais, bibliográficas, orais e visuais, como fotos e registros em vídeo. Transversalidade temática, conceitual, teórica e metodológica, portanto. Um bom exemplo de pesquisa que faz uso das chamadas “metodologias integradas e complexas”, outra tendência atual da pesquisa em Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas.

Sob a perspectiva da história ambiental, o autor enfoca principalmente a relação entre natureza, sociedade e memória, em uma tentativa de “recolocar a

¹ Doutor em Sociologia. Professor do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). E-mail: teixeira@mre.gov.br

sociedade – no plano teórico – na natureza, da qual ela nunca esteve separada na realidade” (p.15). Para isso, o autor evita incorrer nos vícios reducionistas das interpretações econômicas, que vinculam direta e automaticamente o assunto em tela à história econômica, atrelando as questões ambientais à dimensão puramente econômica do processo. Mas, por outro lado, Leonardi também evita o reducionismo ambientalista, que atribui valor quase absoluto às variáveis ambientais.

Do ponto de vista da história social, a obra explora um aspecto de extremo interesse para a compreensão da eco-história contemporânea: a história social do trabalho extrativista, um tema que carece de investigações mais detalhadas no Brasil, tanto no que se refere à Amazônia, como a outras regiões do País. Leonardi contribui com esse estudo para iluminar as sombras do passado extrativista brasileiro, tomando como recorte as populações ribeirinhas da região banhada pelo Rio Jaú, um dos afluentes do Rio Negro. O autor concentra sua pesquisa na antiga povoação do Airão, fundada em 1694, à margem direita do Rio Negro.

Quanto a isso, é oportuno salientar que o objetivo maior do livro é compreender os processos que levaram a pequena povoação à estagnação, à desestruturação, ao decréscimo populacional e à ruína, antes de seu terceiro centenário, 1994. A opção pelo Airão se justifica por ter sido a primeira povoação a se firmar na região, apresentando uma relação intrínseca com a história do rio Negro e seus afluentes, inclusive o Jaú.

A perspectiva analítica do autor segue a lógica do micro para o macro, estabelecendo, assim, uma forte sintonia dialética entre o local e o global. Explora com minúcias os diversos períodos da história amazônica, como os primeiros contatos de brancos com índios, os vários ciclos extrativistas e a situação nas últimas décadas. Mas, apesar de o enfoque ser inteiramente voltado especificamente para a região citada, a obra não deixa de fornecer elementos para uma análise global da história do extrativismo na Amazônia.

O local vincula-se ao regional. Este, por sua vez, atrela-se ao nacional, o qual aponta para os problemas do contexto mundial. Até porque a Amazônia brasileira sempre foi foco de interesse de pesquisadores, cientistas, ambientalistas, governantes, organismos internacionais, organizações internacionais e da imprensa internacional.

Quanto à riqueza e profundidade, cabe destacar, em primeiro lugar, a rica documentação bibliográfica citada pelo autor, como por exemplo, Claude Lévi-Strauss (Suma etnológica brasileira), Juan Martínez-Alier e Klaus Schlüpmann (Ecological economics: energy, environment and society), Spix e Martius (Viagem pelo Brasil), Alberto Torres (As fontes da vida) e Arnold Toynbee (Um estudo da História), sem mencionar tantos outros autores que se dedicaram e se dedicam ao estudo das questões ambientais, do ponto de vista da história ambiental em si, da história social e das Ciências Sociais.

Em segundo lugar, merece destaque o caráter minucioso da pesquisa. Minuciosidade que se manifesta na pesquisa bibliográfica, na pesquisa documental – que inclui relatórios, cartas, boletins – e no uso de fontes orais, como depoimentos e entrevistas. Isso torna o estudo mais que uma fonte bibliográfica convencional, uma obra de referência. Deve ser mencionada ainda, nesse item, a amplitude temática, que compreende, entre outros tópicos: os antecedentes do extrativismo na Amazônia, antes da chegada dos portugueses; a ação dos missionários estrangeiros na região e sua relação com a história do extrativismo e a organização da vida social das populações ribeirinhas; o uso do trabalho indígena no processo extrativista; aspectos da história regional amazônica; o comércio de resinas, óleos vegetais e frutos corantes; as influências da Cabanagem, no período de 1833 a 1839; a visão etnocentrista dos viajantes e expedicionários estrangeiros sobre a região; a introdução da navegação no Rio Negro; o início da exploração do látex e da borracha; as migrações provocadas pela exploração da borracha; e a decadência e ruína do Airão.

O foco na povoação do Airão está na análise concreta da situação histórica específica escolhida pelo autor, sem recorrer, previamente, a generalizações. Essa abordagem, na visão de Leonardi, tem como objetivo maior evitar os riscos de interpretação ideológica e etnocentrista, bem como explicações reducionistas – culturalista, economicista ou ambientalista. Esse é o ponto de partida para a análise dos fatores que levaram o Airão, a partir do século XVIII, a um processo continuado de declínio de sua vida econômica e cultural.

Se antes a povoação tinha como eixo de suas atividades sócio-culturais as festas religiosas, os costumes e tradições que enriqueciam sua cultura popular, com a introdução e o avanço da visão positivista de progresso, o eixo de

A. T. Barros

sustentação daquela cultura entrou em declínio, tornando-se uma cultura “entre árvores e esquecimentos”, como ressalta o autor, ao fazer referência a outra obra sua: *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil* (1996). Aliás, foi nessa obra que Leonardi desenvolveu o quadro teórico e metodológico mais geral, que serviu de base para o estudo aqui comentado.